

ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE RENDA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE ITAPEJARA D' OESTE – PR

ANALYSIS OF INCOME STRATEGIES OF FAMILY FARMERS OF ITAPEJARA D' OESTE– PR

Ana Paula Schervinski Villwock

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria – RS – Brasil

Miguel Ângelo Perondi

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria – RS – Brasil

Resumo: Sabendo-se que a reprodução social da agricultura familiar se consolida na diversificação das fontes de renda e na capacidade de se adaptar aos novos contextos sociais da modernidade, questiona-se: quais são as estratégias de renda dos agricultores familiares que pertencem a categorias de maior e menor renda? Para tanto, procurou-se analisar as estratégias de renda de um grupo representativo de agricultores familiares do Município de Itapejara D'Oeste, categorizados entre grupos de alta e baixa renda nos anos de 2005 e 2010. Como resultado, identificou-se que o aumento de renda decorreu da junção do binômio grãos e leite, com a possibilidade de dispor de um maior acesso a área agrícola cultivável, bem como da oportunidade de dispor de uma renda não agrícola.

Palavras-chave: Renda. Agricultura familiar. Diversificação.

Abstract: Knowing that the social reproduction of family farming consolidates the diversification of sources of income and their ability to adapt to the new social contexts of modernity, the question is: what are the income strategies of family farmers? Therefore, we tried to analyze the income strategies of a representative group of farmers in the municipality of Itapejara D'Oeste categorized between groups of high and low income in 2005 and 2010. As a result identified that the increase in income was due the junction of grains and milk binomial with the possibility of having greater access to arable agriculture; as well as the opportunity to have a non-farm income.

Keywords: Income. Family farming. Diversification.

1 Introdução

A agricultura, ordinariamente, combina o cultivo com a criação e outras atividades não agrícolas desde sua origem civilizatória. O contexto da modernidade promoveu a divisão social do trabalho, e essas habilidades de diversificação, transformação e artes de ofício passaram a ser reproduzidas e comandadas pelo processo capitalista de produção e acumulação da sociedade moderna (GOODMAN, SORJ, WILKINSON, 1990). Dessa forma, o agricultor se tornou profissional da produção agrícola ou um “agricultor puro”, conforme uma expressão utilizada por Schneider (1999), o que revelou novas fragilidades.

Segundo Long (1986), o processo de modernização alavancou a mercantilização, que é a crescente orientação da produção para o mercado, para uma forma social cada vez mais subordinada e dependente do modo de produção capitalista. Entretanto, para Abramovay (1992), a agricultura familiar possui um papel próprio e útil para a sociedade capitalista, ou seja, para este autor o mercado, a família e a sociedade fazem parte de um conjunto de relações sociais que não se separam, mas também não se integram ao capitalismo num modo de produção capitalista, mas funcional a este.

Dessa forma, compreender a diversificação da agricultura familiar remete o estudo dos processos de mercantilização¹ dessa agricultura em distintas realidades empíricas. Nos países com agricultura moderna, percebe-se que a reprodução social da agricultura familiar se manteve viável graças à preservação da capacidade de diversificação das fontes de renda, principalmente com o acesso a oportunidades de renda não agrícola.

O crescimento das rendas não agrícolas é decorrente do processo da “revolução verde”, que, por um lado, reduziu a ocupação em atividades agrícolas e obrigou os agricultores a buscar em outras formas de ocupação e oportunidades de mercado e bens e serviços no meio rural (SCHNEIDER, 1999).

O projeto de modernização da agricultura brasileira nos moldes da “revolução verde” atingiu também o Sudoeste do Paraná, resultando no aumento da produtividade agrícola via emprego de novas técnicas

¹ Segundo Escher (2011), indica-se como mercantilização o procedimento histórico de integração dos agricultores familiares à divisão social do trabalho que é propiciada pelo desenvolvimento capitalista e a correspondente vinculação dos mesmos aos mercados de terra, de produtos e de insumos, de crédito e de trabalho

mecânicas, químicas e genéticas no meio rural. Assim, ao mesmo tempo em que se vinculavam ao pacote tecnológico, as próprias famílias rurais precisavam reocupar sua força de trabalho em atividades não agrícolas. Com isso, à medida que a renda agrícola diminuiu devido aos custos cada vez mais elevados de produção, acresciam as oportunidades de renda não agrícola, permitindo que a família permanecesse no meio rural.

Nesse sentido, a diversificação da renda é um fenômeno presente na região Sudoeste do Paraná, e sinaliza transformações no contexto da agricultura familiar, conforme se observa nos trabalhos de Perondi (2007) e Villwock, Kiyota e Simonetti (2013). Assim, é pertinente que se verifique quais foram as estratégias de renda que os agricultores familiares de Itapejara d'Oeste desenvolveram nos anos de 2005 e 2010. Dessa forma, este estudo busca avaliar esses agricultores sob a perspectiva da alocação das diferentes fontes de renda. Para tanto, o trabalho segue com uma breve revisão teórica sobre a diversificação na agricultura, metodologia do estudo de caso e, por fim, com uma análise das estratégias de renda dos agricultores familiares na localidade em questão.

2 Reprodução Social e diversificação da Agricultura Familiar

Perondi e Ribeiro (2000) observaram que os processos produtivos e reprodutivos da agricultura familiar são simultâneos, e que a reprodução não é somente material e produtiva, mas também social, cultural e ideológica. As sociedades se reproduzem em suas condições específicas de existência, numa contínua reconversão de parte de seus produtos em meios de produção, criando, no seu processo e dos que se assemelham, condições de reproduzir toda uma sociedade.

Apesar de todas as características de reprodução da agricultura familiar, este estudo delimita esforços sobre as condições de reprodução socioeconômica dos agricultores familiares. Percebe-se que desde a revolução industrial, os agricultores se tornaram exclusivamente agrícolas, retirando grande parte das atividades artesanais do campo e se restringindo ao espaço agrícola. Entretanto, a busca por outros rendimentos não foi esquecida, e os agricultores familiares se utilizam das atividades não agrícolas como um mecanismo

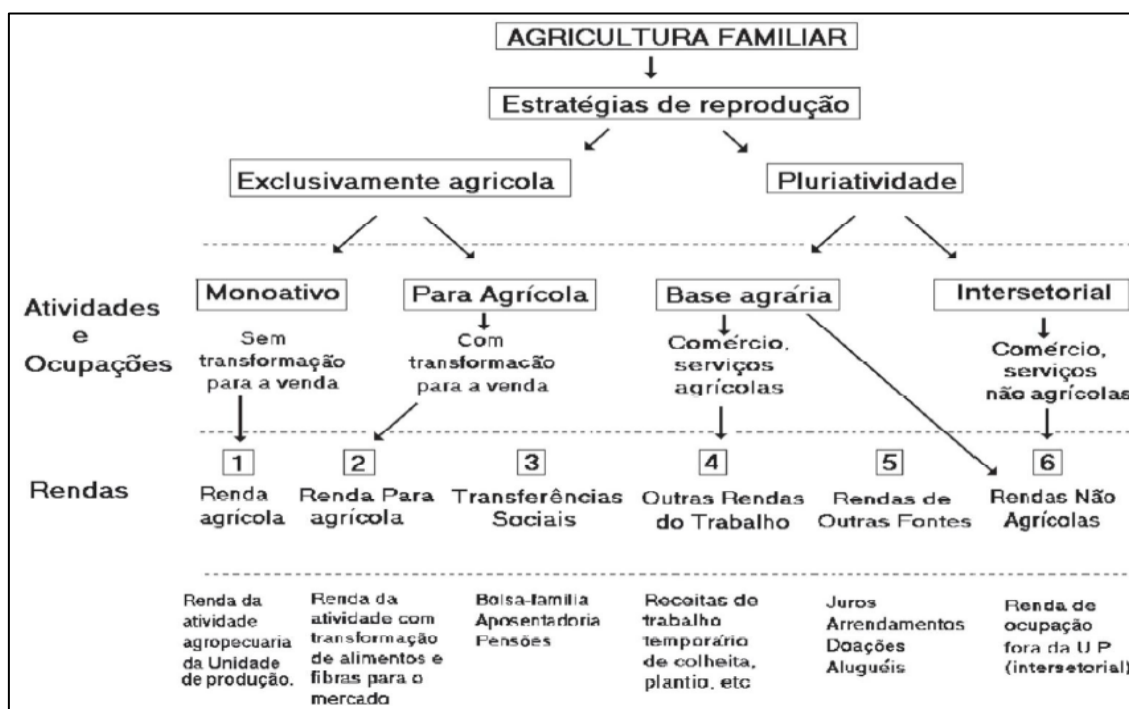
que viabiliza o equilíbrio econômico necessário para a sua reprodução social.

A agricultura familiar possui uma grande capacidade de combinar atividades agrícolas e não agrícolas, dentro e fora da unidade de produção. Toda essa combinação de atividades é chamada, por Graziano da Silva (1999) e Schneider (2003) de pluriatividade, a qual possui como unidade de análise à unidade de produção e contribui para entender o arranjo das atividades agrícolas e não agrícolas, dentro e fora da unidade de produção familiar. É válido ressaltar que as principais causas da pluriatividade são a necessidade de fatores de produção e a desocupação da força de trabalho. Esses elementos são relativos às estratégias de sobrevivência das famílias e da reprodução dos ativos na exploração agrícola. Quando o agricultor familiar vai em busca de atividades não agrícolas, é para que possa tornar as atividades agrícolas possíveis e melhores de serem executadas, ou seja, o agricultor familiar faz uso de ações não agrícolas para se reproduzir e, assim, diversificando a renda da sua família.

A diversificação dos agricultores familiares está relacionada às estratégias adotadas nos estabelecimentos, conforme pode-se observar na Figura 1. As estratégias podem ser exclusivamente agrícolas, sejam monoativas ou contendo atividades para-agrícolas²; bem como, compor a renda com rendas não agrícolas, sejam de base agrária, isto é, formada pelo comércio de serviços agrícolas, ou mesmo, intersetorial, com o emprego em serviços em setores não agrícolas, como quando algum membro da família trabalha num centro urbano, mas reside no estabelecimento rural (SCHNEIDER, 2010). Além dessas oportunidades, existem ainda as transferências sociais que podem contribuir com o fortalecimento da renda da família. Para Kageyama (2008), o peso das rendas não agrícolas para com a renda total não apresenta um padrão estável e pode variar em muito de acordo com as regiões, além disso, a relevância da renda vinda de atividades não agrícolas cai à medida que cresce a renda total.

² De acordo com Schneider (2003), atividades para-agrícolas são um conjunto de operações, tarefas e procedimentos que implicam na transformação, beneficiamento e/ou processamento de produção agrícola (in natura ou de derivados) produzida dentro de um estabelecimento ou adquirida (em parte ou no todo) fora.

Figura 1. Organograma de tipificação de renda



Fonte: Schneider (2010, pg. 97).

No geral, é possível afirmar que, ao longo do tempo, a agricultura sofreu um profundo processo de transformação e a produção familiar permaneceu como um setor importante da agricultura. Com isso, Wanderley (2009) afirma que a produção familiar que se reproduz nas sociedades modernas representa um novo agente social e que, do ponto de vista do agricultor, parece evidente que suas estratégias de reprodução, em grande parte, ainda se baseiam na valorização dos recursos de que dispõem internamente, no estabelecimento familiar, e se destinam a assegurar a sobrevivência da família no presente e no futuro.

3 Metodologia

Este é um estudo de caso acerca da realidade da agricultura familiar do Município de Itapejara d'Oeste e que foi realizado em várias etapas: num primeiro momento, buscou-se aprofundar o marco teórico da pesquisa; a segunda etapa demandou analisar o banco de dados Perondi (2007), bem como, colaborar com a atualização deste em Perondi (2011); e por fim, foram realizadas algumas análises estatísticas

dos dados, à luz das perguntas, e utilizando-se do Programa Statistical Package for the Social Sciences – SPSS.

Os entrevistados foram escolhidos seguindo os critérios de Perondi (2007) para se obter uma Amostragem Sistemática por Comunidade numa população de 968 famílias rurais e margem de erro de 3%. A amostra mínima calculada foi de 100 famílias em 2005, que representou 10% da população de agricultores familiares do município. Esse banco de dados foi atualizado em 2010, sendo que cinco famílias não mais foram localizadas.

Para mensurar a força de trabalho homem (UTH), foi empregado o critério de Lima *et al* (1995), em que uma UTH representa 300 dias de trabalho de oito horas diárias de uma pessoa adulta, ou seja, entre 18 e 59 anos. Como no meio rural ocorrem pessoas ativas fora dessa faixa etária, considerou-se: crianças de 7 a 13 anos = 0,5 UTH; jovens de 14 a 17 = 0,65 UTH; adultos de 18 a 59 = 1 UTH; e idosos com mais de 60 anos = 0,75 UTH.

Os valores monetários referentes ao ano agrícola de 2004/2005 foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços do Mercado – IGP-M da Fundação Getúlio Vargas – FGV, no valor de 1,2713708 e que serviu para corrigir todas as variáveis monetárias do banco de dados.

Optou-se pelo conceito de Renda Agrícola – RA como resultado da subtração do Consumo Intermediário, Depreciação, Divisão do Valor Agregado do Produto Bruto, ou seja, é a parte do Produto Bruto que fica com o agricultor para remunerar o trabalho familiar e ampliar o patrimônio (LIMA *et al*, 1995 e FAO/INCRA, 1999), sendo: (1) Produto Bruto – PB: valor de toda produção vendida, estocada e consumida pela família no período analisado, dentro da Unidade de Produção Familiar – UPF; (2) Consumo Intermediário – CI: valor dos insumos e serviços adquiridos fora da UPF e utilizados na transformação da produção. Esses insumos são totalmente consumidos no processo produtivo; (3) Depreciação – D: é o valor que corresponde ao desgaste dos meios de produção que existem no estabelecimento, mas que não são consumidos totalmente no processo produtivo (máquinas, implementos e benfeitorias); (4) Divisão do Valor Agregado – DVA: despesas para manter a propriedade e que não pode ser descontada de um único sistema produtivo, tais como: arrendamento de terceiros, impostos relacionados à produção e à propriedade, juros de empréstimos

financeiros e salários da mão de obra contratada; (5) Renda total – R: é o que sobra do PB descontadas todas as despesas da propriedade, ou seja, é a parte do PB que fica com o agricultor para remunerar o trabalho familiar e ampliar o patrimônio. Neste caso, observa-se que o cálculo da renda total resulta da soma das outras rendas, como exemplificado na fórmula: $R = RA + RTS + ORT + ROF + RNA$; (6) Renda agrícola – RA: quando envolvem a participação direta na produção animal e vegetal. Para melhor entendimento do que é a Renda Não Agrícola, devem-se diferenciar as rendas externas à unidade de produção familiar, sendo que elas podem ser classificadas como: (7) Transferências Sociais – RTS ou rapos: aposentadorias, pensões, auxílios do governo, é classificada como um auxílio, e não propriamente como uma renda; (8) Outras Rendas do Trabalho – ORT ou outreta: atividades agrícolas fora da UPF; (9) Renda de Outras Fontes – ROF ou routfont: relativo às cobranças de arrendamentos de terras, aluguéis, rendas com poupança, doações e aplicações. São rendas não oriundas do trabalho; (10) Renda Não Agrícola – RNA: renda do trabalho de atividades não agrícolas.

A metodologia utilizada para definir as tipologias das estratégias reprodução e as análises foi adaptada de estudos de Ellis (2000), em que foram formados sete grupos, tipificados segundo o critério de deter 75% do Produto Bruto Total do estabelecimento oriundo de uma das estratégias que seguem:

1. Produção Vegetal: venda e autoconsumo de hortaliças, frutas, grãos, legumes e produtos de transformações, como vinho, doces e melado;

2. Produção Animal: Venda e autoconsumo de bois, touros, vacas, novilhas, bezerros, frangos, suínos, cavalos, peixes, cabras e ovelhas; venda de leite; produtos de transformação, como banha, salames e queijo;

3. RNA: Aposentadoria, pensões e transferências sociais, arrendamento de terras, aluguéis, rendas de poupança, dinheiro recebido de familiares, doações, aplicações, rendas obtidas fora da unidade de produção e procedente de uma atividade interna ao setor agropecuário e rendas de atividades não agrícolas (fora ou dentro da propriedade).

4. Produção Vegetal + Animal: Somatório do PB das duas atividades;

5. Produção Vegetal + RNA: Somatório do PB das duas atividades;

6. Produção Animal + RNA: Somatório do PB das duas atividades;

7. Produção Vegetal + Animal + RNA: Somatório do PB das três atividades.

A posteriori, houve a divisão das famílias de acordo com a renda total, entretanto, ao se analisar o conjunto dos dados, percebeu-se que a distribuição não é normal. Assim, utilizou-se da técnica Bootstrap para estimar o intervalo de confiança de um parâmetro da população, supondo a distribuição de probabilidades da renda total (CYMROT E RIZZO, 2006). Após a utilização da técnica de Boststrap, denotou-se a baixa presença de um grupo intermediário, podendo dividir as famílias em dois grandes grupos denominados de: (1) BAIXA, as famílias que ficaram abaixo da mediana; (2) ALTA, as famílias que ficaram acima da mediana.

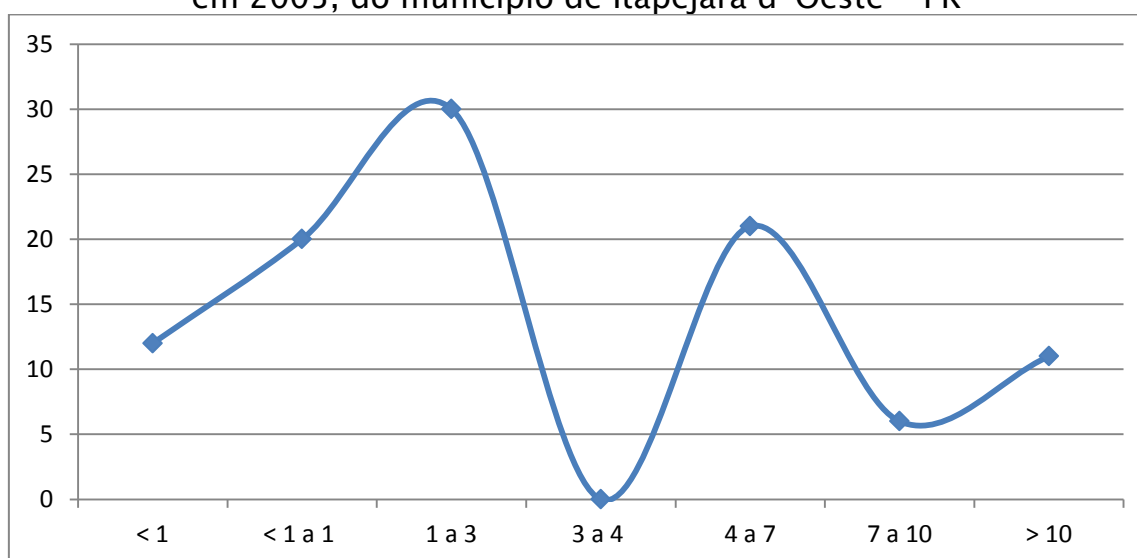
4 As estratégias de renda dos agricultores familiares

As atividades ligadas à produção agropecuária estão diante de um cenário por, muitas vezes, incerto e sujeitos a condições que os agricultores não controlam, como crises econômicas, clima, mercado incerto, sem contar com a inerente competitividade de um setor fragmentado e produtor de *commodities*. Frente a isso, as estratégias que incluam mais de uma atividade nas propriedades rurais se tornam alternativas para reduzir o impacto que as incertezas do meio rural causam aos agricultores familiares em termos econômicos.

Para possibilitar uma análise das estratégias de renda, procurou-se inicialmente estudar a distribuição de frequência da renda total em salários mínimos da amostragem de agricultores familiares feita em Itapejara d'Oeste, tanto para o ano de 2005 quanto o de 2010. Nesse caso, percebeu-se que a distribuição de frequência dessa renda não é normal, portanto, segundo Cymrot e Rizzo (2006), foi necessário estimar o intervalo de um parâmetro da população por meio da técnica Bootstrap de análise, para supor a distribuição de probabilidades da renda total.

A Figura 2 refere-se à divisão das famílias em 2005 por meio da técnica de Bootstrap, em sete pontos, sendo que cada um deles é equivalente ao número de salários mínimos que a família recebeu durante o ano de 2005. Vale ressaltar que de três a quatro salários mínimos é onde se encontra a mediana da renda total para as 100 famílias no ano de 2005, sendo que o maior número de famílias está nos estratos abaixo da mediana, 62 famílias, e somente 38 famílias estão situadas acima da mediana, formando, assim, dois grandes grupos.

Figura 2. Distribuição da frequência da renda total em salários mínimos em 2005, do município de Itapejara d' Oeste – PR



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

A partir da técnica utilizada, não foi possível identificar a presença de um grupo intermediário de renda, sendo que os dois grupos formados foram classificados segundo a distribuição da renda em: Baixa e Alta, que nada mais é do que agrupar as famílias com renda total abaixo e acima da mediana. Portanto, essas famílias foram divididas em dois grupos pela mediana da renda total de 2005, ou seja, acima e abaixo do valor de R\$ 21.596,90/ano/família, ou 3,25 salários mínimo/mês/família³. Ressalta-se que, no ano de 2005, houve uma seca muito forte na região do estudo, fato esse que fez com que algumas famílias obtivessem a renda total dos estabelecimentos

³ O salário mínimo considerado nesse cálculo foi de R\$ 510,00/mês ou R\$ 6.630,00 no ano, vigente em 2010.

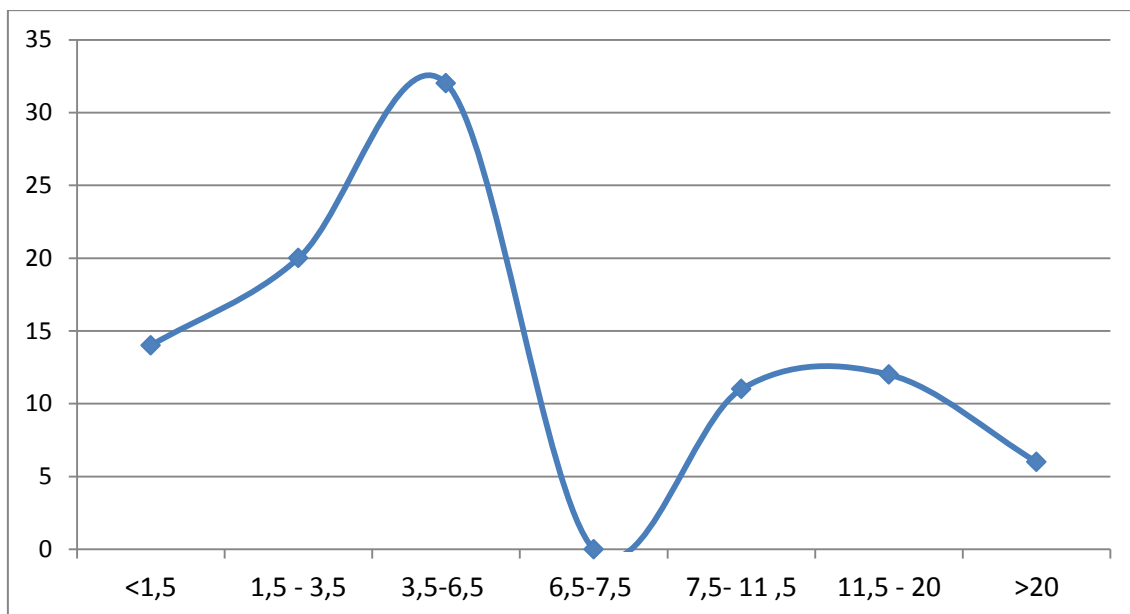
negativa mesmo com a adição do seguro agrícola que cada família ganhou pela perda da safra por estiagem.

Para o ano de 2010, foi feita a mesma distribuição de renda total, utilizando a mesma técnica de análise, mas com o adendo de que a análise em 2005 foi feita com 100 famílias, sendo observada, já em 2010, somente 95 famílias. Assim, observa-se que o valor da mediana que em 2005 era de 3,25 salários mínimos/mês/família aumentou para seis salários mínimos/mês/família -, indicando que mesmo as famílias que continuaram no grupo de baixa renda aumentaram sua renda média com o passar dos anos, e que a distribuição ainda fica focada nos dois grandes grupos.

A Figura 3, a seguir, deixa ainda mais evidente a existência dos dois grandes grupos, ou seja, famílias pertencentes ao grupo abaixo e acima da mediana de renda. Percebe-se ainda que entre 3,5 e 6,5 salários mínimos/mês/famílias é onde se encontra o estrato de renda total com maior número de agricultores familiares do Município de Itapejara d' Oeste, ou seja, o grupo de baixa renda é composto pelo maior número de famílias. Além disso, o número de famílias abaixo da mediana teve o aumento de quatro famílias em relação a 2005⁴. Assim, a distribuição de frequência de renda total das famílias fica dividida com 66 famílias abaixo da mediana e 29 famílias acima da mediana.

Figura 3. Distribuição da frequência da renda total em salários mínimos em 2010, do município de Itapejara d' Oeste – PR

⁴ Observa-se que não necessariamente as mesmas famílias que estavam abaixo da mediana em 2005 permaneceram em 2010, e que as que estavam acima da mediana em 2005 continuaram em 2010. Sabe-se que houve algumas migrações nos estratos de renda entre os anos.



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Observando as diferenças de renda nesse período, é importante ressaltar que diferentemente do que ocorreu em 2005, o ano de 2010 foi um ano de excelente safra agrícola, com distribuição de chuvas normal e com bons preços agrícolas ao final da safra, o que resultou em não encontrar nas famílias renda negativa.

Além da distribuição da renda total através da análise de frequência por salários mínimos que deu origem a dois grandes grupos (tanto em 2005 como em 2010), foi feita a tipificação das famílias segundo a análise do PB. Para essa tipificação do PB, utilizou-se da mesma metodologia de Ellis (2000). É válido ressaltar que, a nível de comparação dos anos, utilizou-se o número de 94 famílias para analisar os dados socioeconômicos, pois, cinco famílias não foram encontradas em 2010 e uma das entrevistas foi feita de forma equivocada.

Tabela 1. Estratégias de renda que responde 50, 65 e 75% do Produto Bruto (PB) das famílias e comparativo em % nas categorias de renda em que se enquadram no ano de 2005 e 2010

Explica 75% do PB	Nº de famílias		Nº abaixo da % abaixo da mediana		Nº acima da % acima da mediana		Nº de famílias		Nº abaixo da % abaixo da mediana		Nº acima da % acima da mediana	
Produção vegetal	9	6	10,1 7	3	8,57	7	4	6,06	3	10,7 1		
Produção animal	6	3	5,08	3	8,57	10	9	13,6 4	1	3,57		
Renda não agrícola	6	3	5,08	3	8,57	14	12	18,1 8	2	7,14		
Prod.Veg.+Prod. Animal	30	19	32,2 0	11	31,4 3	17	9	13,6 4	8	28,5 7		
Prod. Veg. + RNA	19	15	25,4 2	4	11,4 3	18	13	19,7 0	5	17,8 6		
Prod. Animal + RNA	19	11	18,6 4	8	22,8 6	24	16	24,2 4	8	28,5 7		
Prod. Veg. + Prod. Animal + RNA	5	2	3,39	3	8,57	4	3	4,55	1	3,57		
TOTAL	94	94	100	94	100	94	94	100	94	100		

Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Dessa forma, ao se analisar o número de famílias em cada uma das estratégias que explicam a porcentagem de 75% do PB, percebe-se que há uma concentração de famílias nas estratégias que são compostas por mais de uma atividade, ou seja, as estratégias são mais diversificadas quando representam 75% do PB. Vale ressaltar que essas variações são percebidas em ambos os anos e nas famílias acima da mediana e abaixo da mediana.

Como na Tabela 1 não se consegue identificar quais famílias mudaram de estratégia e quais não, a Tabela 2, a seguir, supre essa demanda. Para analisar quais as famílias mudaram (ou não) de estratégias e quais foram as estratégias de renda, foram utilizados os dados que explicam 75% da receita por apresentar um resultado mais simplificado da diversificação das atividades.

Tabela 2. Nº de famílias que mudaram ou não mudaram de estratégias de reprodução, de acordo com a tipologia de receita nos anos 2005 e 2010

	Famílias com a mesma	Famílias que
--	----------------------	--------------

	estratégia de 2005 em 2010 (Nº)	mudaram a estratégia de 2005 em 2010 (Nº)
1- Acima da mediana da renda 2005/2010	9	7
2- Acima da mediana da renda só 2005	9	10
3- Acima da mediana da renda só 2010	5	7
4- Abaixo da mediana da renda 2005/2010	14	33
TOTAL	37	57

Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Assim, a Tabela 2 está dividida entre famílias que modificaram a estratégia de renda e as que não modificaram do ano 2005 para o 2010, sendo que a tipologia utilizada foi: (1) as famílias que sempre foram acima da mediana da renda, (2) as famílias que eram acima da mediana da renda em 2005 e passaram a ser abaixo da mediana da renda em 2010, (3) as famílias que eram abaixo da mediana da renda em 2005 e passaram a ser acima da mediana renda em 2010, (4) as famílias que sempre foram abaixo da mediana da renda. Ainda nessa, pode-se verificar que o número de famílias que modificaram suas estratégias com o passar dos anos foi maior do que as que não modificaram, exceto no primeiro tipo. Dessa forma, procurar-se-á detalhar as estratégias das famílias dentro de cada tipologia, sendo observadas as características socioeconômicas (dos grupos que mudaram ou não de estratégias) e qual (is) dessas estratégias coincide com uma renda total maior ou menor.

4.1 Estratégias das famílias com baixa renda e alta renda

Do total de famílias, 47 tiveram renda abaixo da mediana em 2005 e 2010, sendo que 30% delas (14 famílias) mantiveram a mesma estratégia de renda e 70% (33 famílias) procuraram mudar a estratégia de composição da renda entre os anos. Dessas que mudaram de estratégia, pode-se notar que, em 2010, ocorreram 24 famílias que apresentaram a renda não agrícola compondo 75% da receita, sendo que, dessas, somente quatro famílias tiveram só a renda agrícola compondo a estratégia, ou seja, a renda não agrícola está presente em mais da metade das famílias que mudaram a estratégia de renda em 2010.

Tabela 3. Diferentes estratégias de reprodução dos agricultores que sempre foram baixa renda no Município de Itapejara d'Oeste

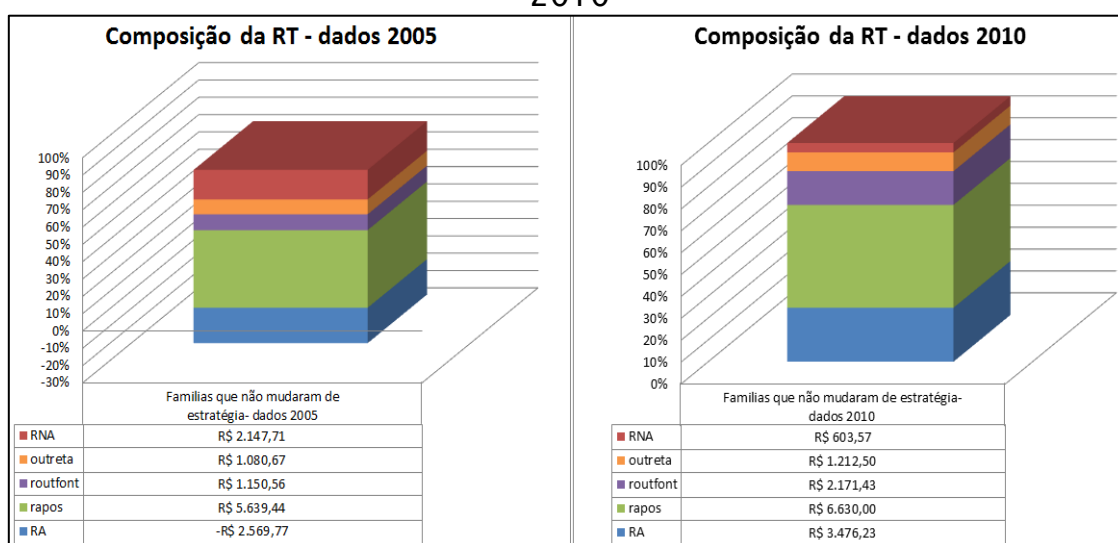
Nº famílias	Mesma estratégia	Nº famílias	Mudança de estratégia	
			2005	2010
TOTAL: 14	2005/2010	TOTAL: 33	2005	2010
1	Vegetal	3	Vegetal	veg+RNA
1	Animal	1	Animal	veg+animal
3	RNA	1		ani+RNA
3	veg+ani	1		Vegetal
4	veg+RNA	2		Animal
2	ani+RNA	1	veg+ani	Veg+RNA
		4		ani+RNA
		2		Veg+ani+RNA
		1		Vegetal
		2	veg+RNA	RNA
		6		ani+RNA
		2		Animal
		2	ani+RNA	RNA
		2		Veg_ani
		1		veg+RNA
		1	Veg+ani+RNA	veg+RNA
		1		ani+RNA

Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

É válido ressaltar que em 2005, somente cinco famílias tinham sua estratégia focada em uma atividade e ocorreu o dobro em 2010. Outro fator importante a ser destacado é que todas as famílias que tinham somente uma estratégia explicando a receita em 2005, passaram a ter duas atividades em 2010, ou seja, cinco famílias diversificaram. Já das 28 famílias que tinham duas ou mais atividades em 2005, 10 delas, em 2010, focaram-se em somente uma atividade e 18 continuaram com duas ou mais atividades. Ressalta-se que os dados da Tabela 3, anterior, demonstram aspectos característicos da nova ruralidade, ou seja, houve inequivocamente um aumento das rendas não agrícolas na agricultura familiar.

Na análise da renda total das propriedades, percebe-se que, na Figura 4, a seguir, nas famílias que não mudaram de estratégia, as transferências sociais possuem o maior peso na composição da renda total.

Figura 4. Composição da RT das famílias que não mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Além das transferências sociais, a renda não agrícola, renda de outras fontes e outras rendas do trabalho também ajudam a compor a renda total dos estabelecimentos que não mudaram de estratégia nesse anos. E, nesse mesmo grupo, observa-se que, em 2010, foi proporcionalmente maior a contribuição das transferências sociais na renda total dessas famílias “conservadoras” de estratégia. É importante ressaltar que há participação de todas as outras rendas na composição da renda total, sendo que a renda agrícola representa 24,66%, as rendas de outras fontes, 15,40%, as outras rendas do trabalho, 8,6% e a renda não agrícola, 4,28% da renda total dessas famílias.

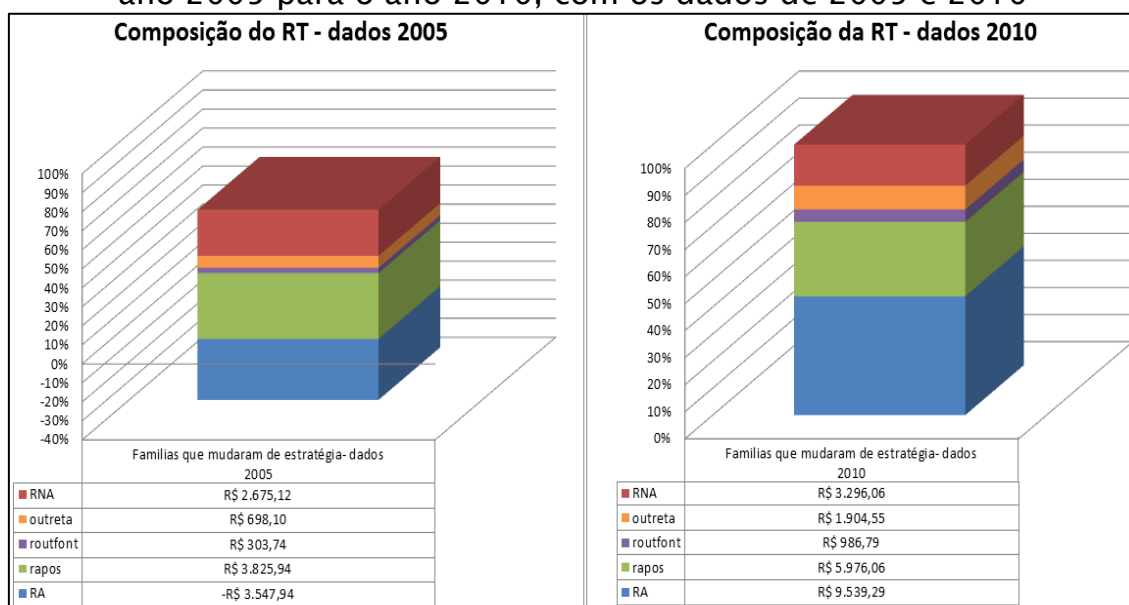
Assim, pode-se concluir que as famílias que continuaram com a mesma estratégia em 2005 e 2010 tiveram a transferência social como principal fonte de renda. E a segunda fonte de renda mais presente em 2005 foi a RNA e, em 2010, a RA, sendo que a RNA passou a ser a menor renda a explicar a renda total em 2010.

Com esses dados, afirma-se que, independente das famílias passarem por período de crise produtiva (estiagem) ou não, as com baixa renda possuem uma dependência dos valores monetários vindos de transferências sociais para manter a renda total e para continuar no campo. Também nas famílias de baixa renda que mudaram de estratégias, foram as transferências sociais e a RNA que explicaram a maior parte da renda total delas em 2005, ver Figura 5, a seguir.

Nesse caso, pode-se concluir que em todas as famílias de baixa renda, seja as que continuaram ou mudaram de estratégia de renda entre 2005 e 2010, percebe-se que as transferências sociais e a RNA foram as principais responsáveis pela renda total das famílias. Somente no grupo de famílias que mudou de estratégia de renda ocorre um peso mais acentuado da RA que se equivale às contribuições das transferências sociais e RNA na renda total.

Assim, ao se comparar a composição da renda total de 2005 para 2010, percebe-se de que apesar da RA ser responsável pela maior proporção da composição da renda total em 2010, a RNA e as transferências sociais estão presentes em ambos os anos com pesos consideráveis que explicam a sobrevivência das famílias de baixa renda no rural. Contudo, pode-se salientar que a renda total das famílias de baixa renda é bem diversificada, porque há diversificadas fontes de renda que compõe a renda total, independente destas terem mudado ou não a estratégia de renda.

Figura 5. Composição da RT das famílias que mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Na Tabela 4, é possível visualizar o grupo de famílias que se mantiveram nos estratos de renda acima da mediana tanto em 2005 como em 2010, ou seja, 16 famílias. Dessas, nove continuaram com a mesma estratégia e sete mudaram de estratégia entre 2005 e 2010.

Dentre as famílias que continuam com a mesma estratégia, delas possuem 75% da receita explicada por atividades vegetais e animais, outras três, explicadas pela pecuária e RNA, duas, por atividades de produção vegetal e uma que continua somente com RNA.

Dentre as sete famílias que mudaram de estratégia de renda em 2005, observa-se que das seis diferentes estratégias que havia em 2005, em 2010 passaram a ter somente três diferentes estratégias entre as sete famílias que compõe esse grupo: quatro, com atividade vegetal e RNA, duas, com atividade vegetal e RNA, e uma que possui somente RNA que explicam no mínimo 75% da receita. É válido ressaltar que, em todas as famílias que mudaram de atividades de 2005 para 2010, houve o aparecimento de atividades não agrícolas no ano de 2010.

Tabela 4. Diferentes estratégias de reprodução os agricultores que sempre foram de alta renda no município de Itapejara d'Oeste.

nº famílias	Mesma estratégia	Nº famílias	Mudança de estratégia	
			2005	2010
9	2005/2010	7	2005	2010
3	veg+ani	1	veg+ani	ani+RNA
3	ani+RNA	1	veg+ani	veg+RNA
2	Vegetal	1	veg+RNA	ani+RNA
1	RNA	1	Vegetal	veg+RNA
		1	ani+RNA	RNA
		1	RNA	veg+RNA
		1	Veg+ani+RNA	veg+RNA

Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Na composição da renda total das famílias que mudaram ou não de atividades com o passar dos anos, a Figura 6 demonstra que, em 2005, nas famílias que não mudaram de estratégia, quase 60% da renda total é composta pela RN, e o restante da composição da renda total fica por conta das rendas vindas de outras fontes de renda, RNA, RTS e de renda de outras fontes, nessa ordem de importância. Esse foco na RA acontece porque as famílias estão especializada na dualidade grãos e leite, e a maior parte da RA da família vem dessas atividades agropecuárias.

Apesar da renda agrícola ter um grande peso na composição da renda total das famílias, é importante lembrar das outras rendas que também a compõe, como outras rendas do trabalho agrícola, como por exemplo, colher para fora da propriedade, compõem 20% da renda total.

Portanto, as outras rendas do trabalho e a RA (ambas realizadas no meio rural) são as rendas que compõem quase 100% da renda total de 2005 das propriedades que mantiveram suas estratégias.

Por fim, e não menos importante, estão as rendas vindas de atividades não agrícolas, renda de outras fonte e RTS, que, juntas, representam 20% da renda total, ou seja, o valor de R\$18.772,78 médio por famílias que não mudaram as estratégias.

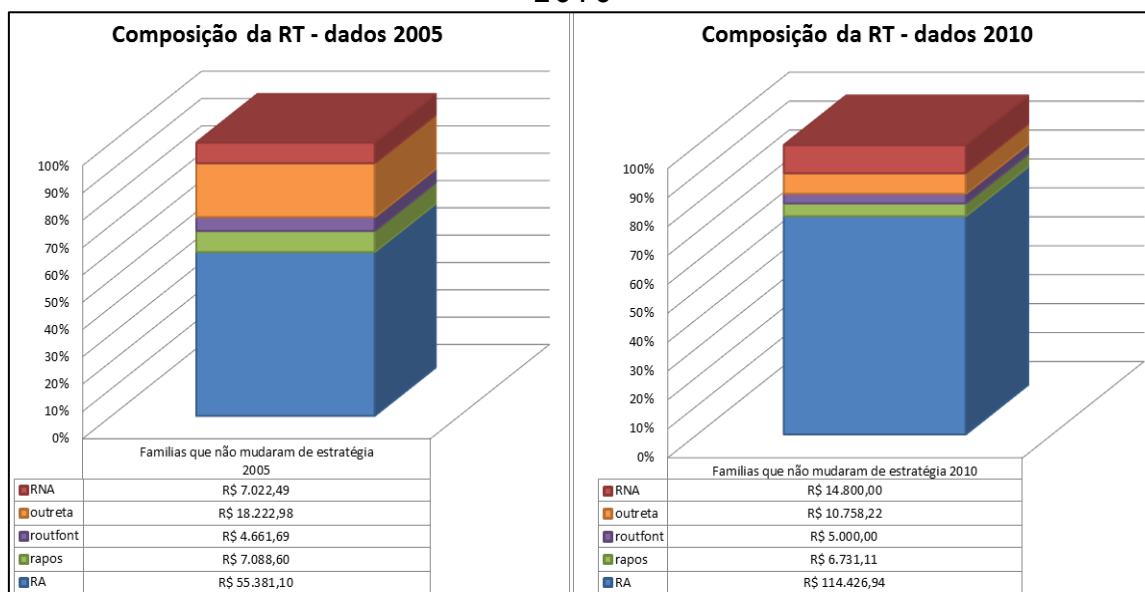
Ainda falando em famílias que não mudaram as estratégias, a RA representa mais que 75% da renda total em 2010, devido a especialização dessas famílias em atividades agropecuárias e pelo menor custo de produção que elas conseguiram com essas atividades em 2010 se comparado com 2005. A RNA é a segunda principal renda que compõe a renda total, representando quase 10%. Isso acontece porque as famílias com alta renda acabam por especializar-se em algumas atividades, sobrando, segundo Schneider (2003), “tempos de não trabalho”, e fazendo com que pelo menos um membro da família se desloque da propriedade para buscar renda em atividades não agrícolas. Outra renda importante são as outras rendas do trabalho, que, apesar de terem diminuído a porcentagem na composição da renda total entre os anos 2005 e 2010, continuam presente entre essas famílias.

Assim, nas famílias que mantiveram as estratégias com o passar dos anos, a RA é a que tem maior representação na composição da renda total, sendo de 60% em 2005 e de 75% em 2010, pela especialização das famílias na atividade leiteira e na produção de grãos. A especialização fez com que as famílias diminuíssem seus consumos de produção de 2005 para 2010, melhorando de forma efetiva a RA das famílias. Ou seja, a produção de leite a pasto e a produção de soja são sistemas de produção eficientes em renda, entretanto, deve-se prestar atenção na força de trabalho e área de terra, pois as famílias que se mantiveram no binômio leite e grãos em ambos os anos foram as que apresentavam maiores quantidades de terra e que puderam especializar a RA em grãos e leite.

A proporção de RNA que compunha a renda total também aumentou, de 7% para 10%, o que nos diz que quanto mais as famílias estiveram especializadas em uma atividade, maior tempo de não trabalho sobrar para as mesmas investirem em outras atividades que tragam renda sem ser a agrícola. Além disso, deve-se ressaltar que,

nesse estrato, existe uma família cuja estratégia de reprodução é obtida somente por meio da RNA.

Figura 6. Composição da RT das famílias que não mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Rendas de outras fontes e transferências sociais mantiveram-se praticamente iguais ao passar dos anos, sendo que a única renda que diminuiu de 2005 para 2010 foi a de outras rendas do trabalho agrícola. Essa diminuição deve-se à especialização, pois, na unidade produtiva, a família utiliza seus equipamentos de forma intensiva (está sempre ocupando os seus equipamentos para produção), não sobrando tempo para executar atividades agrícolas fora da unidade de produção e obter renda delas.

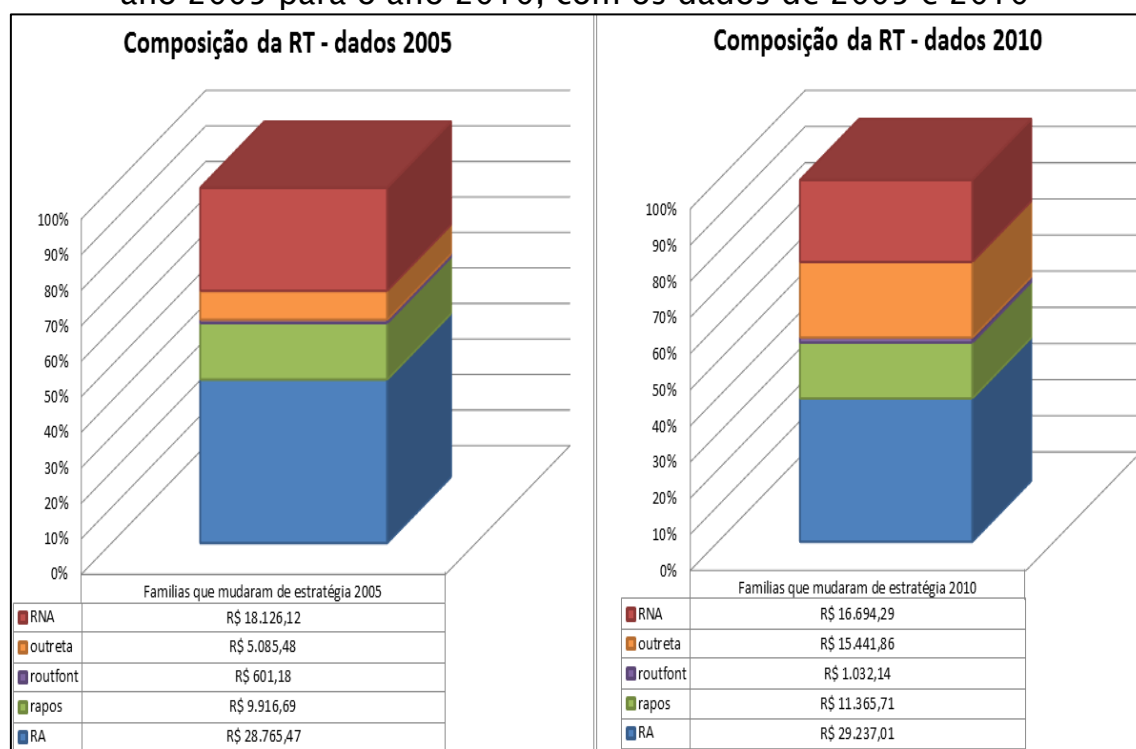
Analisando as famílias que mudaram suas estratégias, constata-se que de 2005 para 2010 houve um acréscimo na renda total média das famílias de R\$ 11.546,10, sendo que a composição dessa renda foi o que mais chamou a atenção se forem comparados os anos. Em 2005, a RA explica 46% da renda total das famílias e, em 2010, explica apenas 39%, pois ela tem uma melhor distribuição da renda total entre os outros tipos de renda, ou seja, em 2010 a renda total é mais diversificada.

Ao analisar a RNA, no ano de 2005, ela representa 29% da composição da renda total e 23% em 2010, havendo uma pequena queda de proporção; mas ao diminuir a RNA em 2010, as outras rendas

do trabalho aumentam de proporção entre os anos, passando de 8% em 2005 para 21% em 2010. As rendas de outras fontes e as transferências sociais mantiveram praticamente a mesma proporção, não chegando a variar 1% entre um ano e outro.

Dessa forma, ao comparar as proporções da Figura 7, verifica-se que a composição da renda total em 2010 é melhor distribuída que em 2005, ou seja, a porcentagem de cada renda que compõe a renda total é mais uniforme. Isso representa que as famílias que mudaram de estratégias com o passar dos anos, diversificaram suas rendas, o que não aconteceu com as famílias que não mudaram suas estratégias. Assim verifica-se que as famílias estudadas mudam de estratégias para que possam ser mais autônomas e menos dependente do mercado agrícola, tendo menores riscos com os possíveis choques que a agricultura pode sofrer.

Figura 7. Composição da RT das famílias que mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Como visto nos agricultores que não mudaram suas estratégias, a crescente mercantilização da vida social e econômica pode levar a uma grande dependência dos agricultores ao mercado, reduzindo sua

autonomia e fazendo com que as estratégias de reprodução se tornem cada vez mais dependentes e menos diversificadas. Mas o que deve-se levar em consideração é que a mercantilização não ocorre de forma homogênea, pois o agricultor estabelece distintas formas de relação com o mercado, possuindo um papel ativo no processo de mercantilização. Assim, os agricultores desenvolvem diferentes estratégias e as modificam com o passar dos anos para diminuir a dependência com o mercado, a fim de modificar, reduzir e neutralizar os resultados da mercantilização, sendo que a diversificação das fontes de renda de uma unidade familiar é um dos mecanismos que as famílias utilizam para ficarem menos dependentes e vulneráveis mercado.

4.2 Estratégias das famílias que possuem diferentes estratos de renda entre os anos de 2005 e 2010

A análise deste capítulo é referente às diferentes estratégias adotadas por dois grupos, sendo que o primeiro é o grupo de famílias que possuíam renda acima da mediana em 2005 e passaram a ter renda abaixo da mediana em 2010, e o segundo é o grupo que tinha renda acima da mediana em 2005 e passou a ter renda abaixo da mediana em 2010. Iniciando com a análise do primeiro grupo referido, verifica-se que nove famílias continuaram com a mesma estratégia e dez famílias tiveram a mudança de estratégia. Das famílias que continuaram na mesma estratégia, quatro têm somente uma atividade e cinco têm duas ou mais atividades que explicam os 75% da receita. Já no grupo em que houve mudança de estratégia, das dez famílias possuíam dois ou mais tipos de atividades, seis passaram a explicar esse percentual com apenas uma atividade, e quatro continuaram explicando essa porcentagem pela composição de duas atividades, sendo que uma delas é a RNA.

Tabela 5. Diferentes estratégias de reprodução os agricultores que tinham alta renda em 2005 e passaram a ter baixa renda em 2010, do Município de Itapejara d'Oeste

n° famílias	Mesma estratégia	N° famílias	Mudança de estratégia	
			2005	2010
TOTAL: 9	2005/2010	TOTAL: 10		
3	Animal	1		vegetal
1	RNA	1	veg+ani	animal

2	veg+ani	1		RNA
1	veg+RNA	1		veg+RNA
1	ani+RNA	1	veg+RNA	RNA
1	veg+ani+RNA	1		ani+RNA
		1		RNA
		1	ani+RNA	Veg+RNA
		1	Veg+ani+RNA	RNA

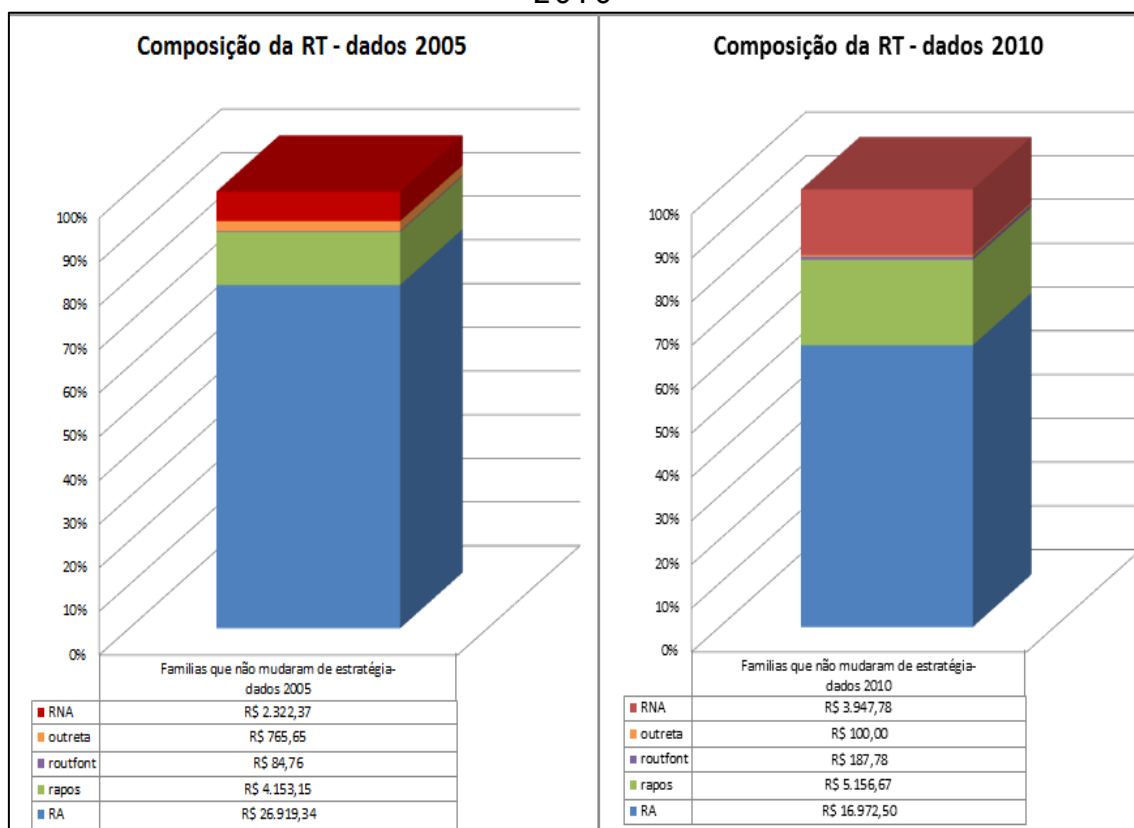
Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Deve-se ressaltar que das famílias que não mudaram de estratégia, quatro mantiveram a RNA compondo a estratégia e, nas famílias que mudaram as estratégias, aumentou de cinco para sete as que possuem a RNA como uma ou única estratégia de renda. Outra análise que deve ser feita nas famílias que não mudaram de estratégia é que quatro continuaram a ter somente uma atividade compondo a estratégia e cinco continuaram com duas ou mais atividades explicando a receita; e nas famílias que mudaram a estratégias, de dez famílias que tinha duas ou mais atividades explicando a receita em 2005, sete passaram a ter apenas uma atividade explicando a receita em 2010. Isso leva a perceber que a maioria das famílias que mudaram de estratégias, se especializaram em somente uma atividade, sendo que três ficaram especialistas em RNA.

Para analisar as estratégias da renda, também foram divididas as famílias que mudaram e não mudaram de estratégias entre os anos de 2005 e 2010, conforme Figura 8. Dessa forma, no ano de 2005, as famílias que não mudaram de estratégia tiveram uma renda total de R\$ 34.245,19, sendo que 78% é composto pela RA, 12,12% pelas RTS, 6,88% de RNA e 3% de outras renda do trabalho e renda de outras fontes. Assim, percebe-se que há outras rendas compondo a renda total que não seja a renda agrícola, mas essa composição é desuniforme, e a RA é a principal renda a compor a renda total.

A renda total nas famílias que não mudaram de estratégias é de R\$26.364,73 em 2010, ou seja, é R\$ 7.880,46 menor que a renda média total em 2005. Quando se analisa sua composição, percebe-se que há um aumento da porcentagem da RNA e da RTS na composição da renda total e a diminuição da porcentagem de participação na renda total em 2010.

Figura 8. Composição da RT das famílias que não mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

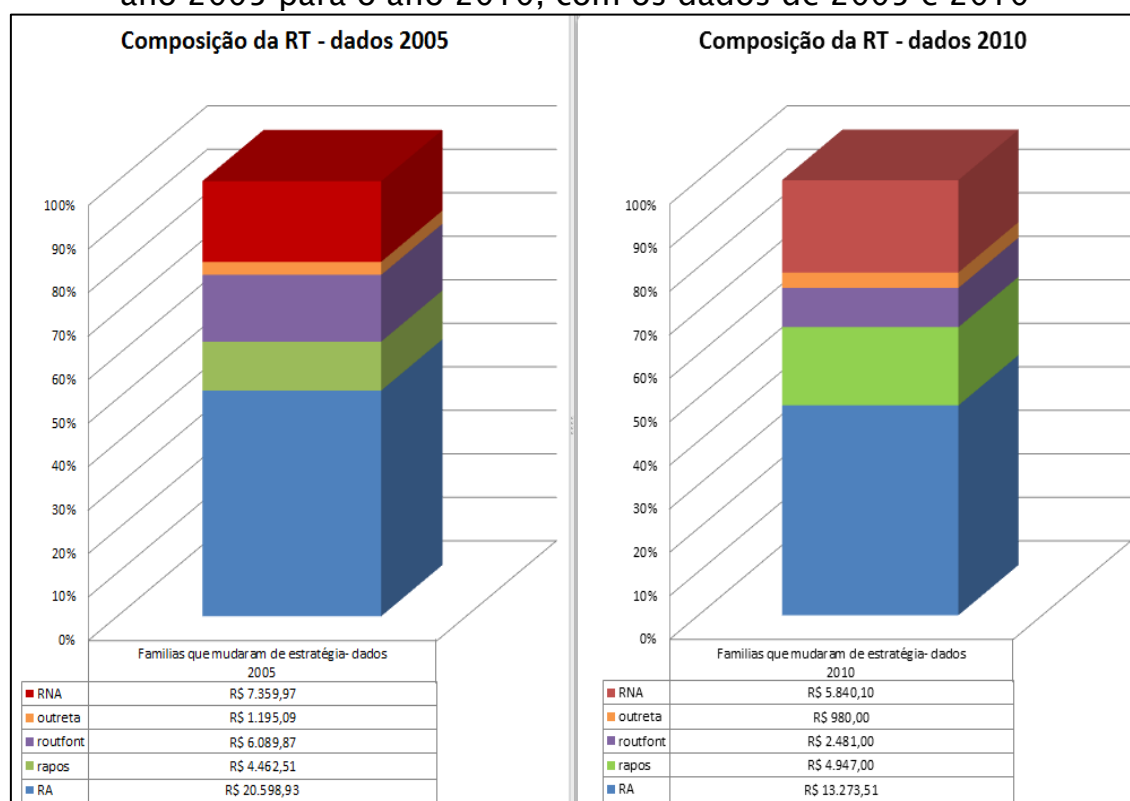
Dessa forma, observa-se que, ao se comparar os dados do ano 2005 com os de 2010 das famílias que não mudaram de estratégias, as famílias tiveram uma melhor distribuição da renda total em 2010, ou seja, apesar da RA diminuir, a porcentagem de participação da RNA e a renda vinda das transferências sociais na renda total aumentaram, fazendo com que a composição da renda total fique mais diversificada em 2010.

Nas famílias que mudaram de estratégia, a renda total em 2005 foi de R\$ 39.706,37, composta por 51,88% de RA, 18,54% de RNA, 15,38% de rendas de outras fontes, 11,24 de renda vinda das transferências sociais, e 3% de outras rendas do trabalho. Se for comparada a composição da renda total entre as famílias que continuaram com a mesma estratégia e das famílias que mudaram, percebe-se que, além da renda total ser maior nas famílias que mudaram de atividades, a porcentagem da composição da renda total é mais bem distribuída, ou seja, mais diversificada.

Conforme a Figura 09, a renda total das famílias que mudaram de estratégia, a renda total em 2010 foi de R\$ 27.521,61 e, ao se comparar os dados de 2005 e 2010 das famílias que mudaram de estratégias, apesar da renda total diminuir porque a tipologia desse grupo já previa isso, percebe-se um aumento na diversificação da rendas total, ou seja, a porcentagem de participação de cada uma das renda é melhor distribuída no ano de 2010 do que no de 2005, fazendo com que a família tenha menor vulnerabilidade de renda total quando a mesma é composta mais proporcionamente entre as rendas que a compõe.

Além disso, comparando os dados das famílias que não mudaram de atividade e as que mudaram, verifica-se que a renda total destas é maior, tanto em 2005 como em 2010, e que a maior diversificação de renda encontra-se nas famílias que mudaram suas estratégias, ou seja, mudar de estratégia faz com que as famílias fiquem menos vulneráveis e corram menor risco com as crises agrícolas.

Figura 9. Composição da RT das famílias que mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Como abordado no começo do capítulo, além das famílias que tinham alta renda em 2005 e passaram a ter baixa renda em 2010, há o grupo que teve ascensão econômica com o passar dos períodos, que é o grupo de famílias de baixa renda em 2005 e que passa a ter alta renda em 2010. Observa-se que essa tipologia é formada por 12 famílias, sendo que cinco continuaram na mesma estratégia e sete mudaram de estratégia de 2005 para 2010.

Ao fazer a análise das cinco famílias que continuaram na mesma estratégia, percebe-se que elas possuem sua estratégia de renda focada na produção vegetal e animal, ou seja, o foco das famílias que não mudaram de estratégia é a produção agrícola. Já nas sete famílias que mudaram de estratégia, somente uma delas não tinha como estratégia, em 2005, a produção vegetal; e em 2010, a mudança de estratégias fez com que as famílias focassem mais na produção animal (atividade leiteira), ou seja, passar de baixa renda para alta renda está significativamente ligado à produção leiteira nessas famílias.

Tabela 6 – Diferentes estratégias de reprodução de agricultores que tinham baixa renda em 2005 e passaram a ter alta renda em 2010, do Município de Itapejara d'Oeste.

nº famílias	Mesma estratégia	Nº famílias	Mudança de estratégia	
			2005	2010
TOTAL: 5	2005/2010	TOTAL: 7	2005	2010
1	Vegetal	1	Vegetal	veg+ani
3	veg+ani	1	veg+ani	Animal
1	ani+RNA	2		ani+RNA
		1	veg+RNA	veg+ani
		1		veg+ani+RNA
		1	ani+RNA	veg+ani

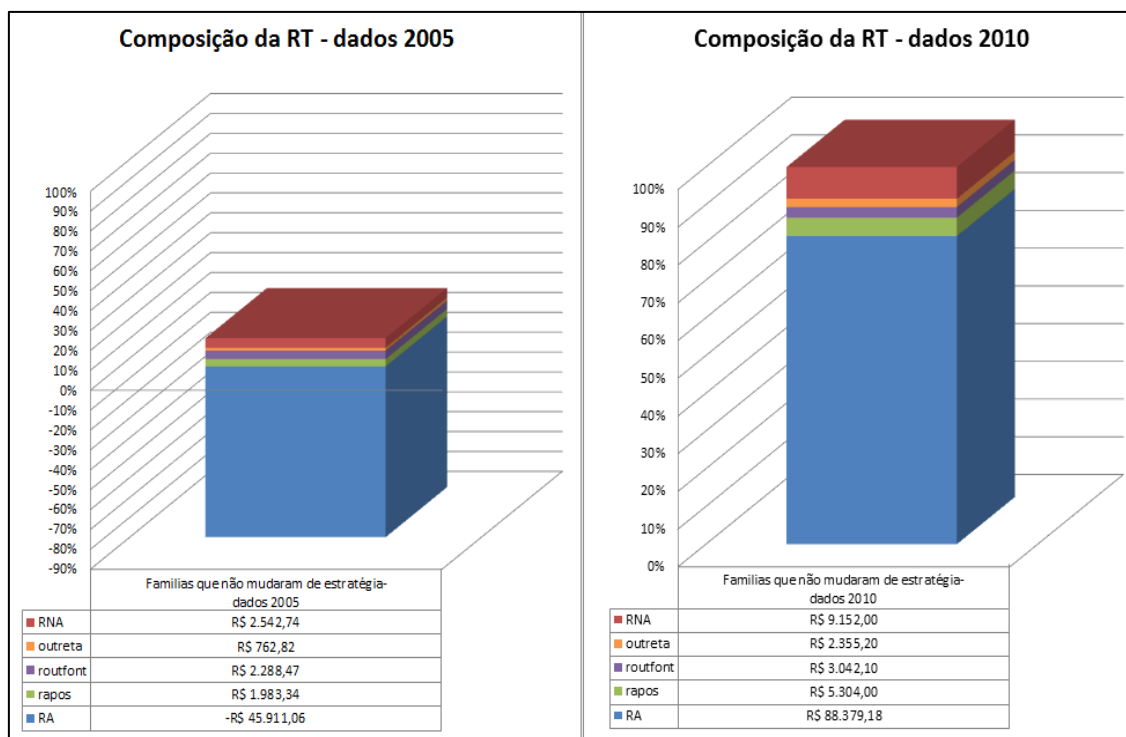
Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Para completar a análise das estratégias das famílias que tinham baixa renda e passaram a ter alta renda, a composição da renda total é essencial. Nas famílias que não mudaram de estratégias, a renda média total foi negativa em 2005, no valor de R\$ 38.333,69. Como dito anteriormente, isso ocorreu pela forte estiagem que teve no ano de 2005, que afetou diretamente a renda agrícola dos produtores e pelo consumo exagerado com insumos agrícolas. Ressalta-se que, apesar da RA ser negativa, pode-se perceber, na Figura 10, abaixo, uma pequena diversificação da renda total nessas famílias, sendo que, além da RA, a

RNA e as rendas de outras fontes são as que possuem maior valor na composição.

De acordo com os dados de 2010, a composição da renda total das famílias que não mudaram de estratégia melhorou com o passar dos anos. A composição da renda total em 2010 passa a ser de R\$108.232,48, sendo que a maior contribuição ainda segue sendo a RA, mas agora com valor positivo de R\$ 88.379,18.

Figura 10. Composição da RT das famílias que não mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005 e 2010

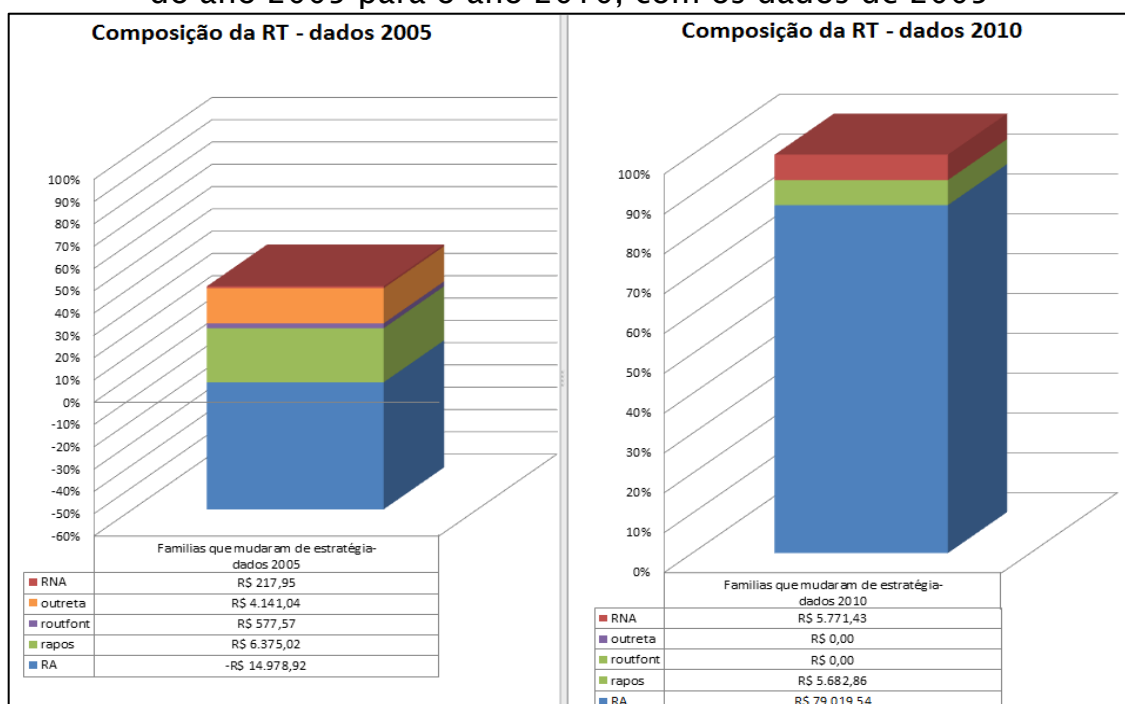


Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

Verifica-se que, além da RA ficar positiva com o passar dos anos, os valores das outras rendas que não a agrícola na composição da renda total também aumentou. Assim, comparando os anos de 2005 e 2010, pode-se afirmar que as famílias que não mudaram de estratégia com o passar dos anos, além de aumentar a renda total como já era esperado desse grupo, tiveram uma melhor composição da renda total, ou seja, ficou mais diversificada em 2010 do que em 2005. Assim, pode-se dizer que as famílias que não mudaram suas estratégias diversificaram suas fontes de renda do ano 2005 para o ano 2010.

Na análise da composição da renda total das famílias que mudaram suas estratégias, a renda média total é negativa, no valor de R\$ 3.667,34, mas apresenta um melhor valor se comparado com as famílias que não mudaram suas estratégias no ano de 2005. Apesar da renda agrícola ser negativa, a composição da renda total é bem diversificada, contendo valores de todas as rendas que compõem a renda total de forma significativa.

Figura 11. Composição da RT das famílias que mudaram as estratégias do ano 2005 para o ano 2010, com os dados de 2005



Fonte: Banco de dados Perondi (2007) e Pesquisa de Campo Perondi (2011).

O que se pode analisar na Figura 11, acima, é que a renda vinda das transferências sociais e as outras rendas do trabalho tem um peso importante na renda total das famílias, pois, juntas, elas somam mais que dez mil reais. Assim, pode-se afirmar que, apesar das famílias serem classificadas como baixa renda em 2005, as famílias que mudaram de estratégias possuem uma melhor estratégia de renda que as famílias que não mudaram de estratégia, pois a renda total dessas famílias é mais diversificada, além de ser maior

Nos dados de 2010 das famílias que mudaram de estratégia, percebe-se um aumento da renda total das famílias para R\$ 90.473,83, sendo que essa é composta por apenas três tipos de renda: a RA com 87,34%, RNA com 6,38% e RTS com 6,28%. Assim, pode-se dizer que apesar da renda total das famílias que mudaram de estratégia ter aumentado de 2005 para 2010, ela ficou menos diversificada e conseqüentemente mais vulnerável. Isso aconteceu porque as famílias focaram ainda mais na produção agrícola (animal e vegetal), trazendo a RTS e a RNA apenas como complemento da renda e não como sua estratégia principal.

Comparando-se os dados de 2010 das famílias que não mudaram com as que mudaram de estratégias, percebe-se que a primeira teve

renda total maior que a segunda, além de que a estratégia de renda da primeira é mais diversificada, ou seja, diversificar a composição da renda total acarreta em uma maior renda total das unidades de produção.

5 Considerações finais

A pesquisa revela um movimento de especialização produtiva no campo, sendo que o sistema de produção baseado no binômio grãos e leite foi o que mais se consolidou no período de 2005 a 2010. Mesmo assim, observou-se que a busca pelo aumento de renda também está relacionado à venda da força de trabalho em ocupações não agrícolas. São novas relações mercantis que se consolidaram e permitiram a reprodução da agricultura familiar. Assim como Marsden (1995), observa-se um modelo agrícola “produtivista” que se pauta em *commodities* para atender à demanda global, como a soja e que, ao mesmo tempo, associa-se à emergência de uma lógica “pós-produtivista” fundado numa ampla diversidade de atividades não agrícolas que assumem novas e múltiplas funções, como é o caso do leite a pasto e a pluriatividade.

Verifica-se que o grupo de famílias com alta renda utilizou mais o sistema de produção baseado em grãos e leite, por possuir uma maior disponibilidade de trabalho e área de terra, mas, também valorizou as oportunidades de rendas não agrícolas, sejam de base agrária ou não, minimizando o risco da dependência do mercado.

No grupo de famílias de baixa renda⁵, apesar da RA e total ser discreta, as famílias buscaram incluir RNA na estratégia e, de acordo com Schneider (2010), as RNAs podem viabilizar a sobrevivência da agricultura familiar descapitalizada no capitalismo. Isso se confirmou no grupo de baixa renda, pois o que compôs a maior parte da renda total dessas famílias foram as transferências sociais, a RNA, rendas de outras fontes e outras fontes de renda. A importância da diversificação da renda foi o que manteve a renda total positiva das famílias de baixa renda, sendo que isso fica evidente quando se constata que as transferências sociais significaram para as famílias de baixa renda uma proporção de 75% da renda total em 2005 e 47% em 2010.

Destaca-se que as famílias que mudaram de estratégia (independente de serem classificadas como baixa ou alta renda) com o passar dos anos mantiveram a renda agrícola sempre presente. Além disso, num ano de crise no setor agrícola, a renda diversificada fez toda

⁵ É importante lembrar que houve uma forte estiagem na região no ano de 2005 que prejudicou os grãos.

a diferença para manter a renda total positiva na unidade de produção familiar. Nesse sentido, apesar da agricultura familiar estar fortemente inserida numa sociedade capitalista, mantém algumas especificidades, como uma unidade indivisível da produção e consumo em que as pessoas cooperam e compartilham.

Segundo Kageyama (2008), as famílias agrícolas podem ser motivadas para as atividades não agrícolas por fatores de atração (maior retorno dessas atividades), ou por fatores de expulsão da agricultura, como os maus resultados de colheita e risco da atividade agrícola, como foi visto em 2005 após a estiagem. Dessa forma, percebe-se que as famílias que são consideradas de baixa renda procuraram diversificar suas fontes de renda por tomarem consciência dos riscos que estavam correndo após a estiagem de 2005 e, assim, procurando evitar maiores incertezas futuras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas : Editora HICITEC, 1992.

CYMROT, R.; RIZZO, A. L. T. Aplicação da técnica de reamostragem bootstrap na estimação da probabilidade dos alunos serem usuários de transporte público. In: Environmental and Health World Congress, I, 2006. Santos. *Anais...* Santos: EHWC, 2006. p. 292-296.

ELLIS, F. *Rural livelihoods and diversity in developing countries*. Londres: Oxford, 2000.

ESCHER, F. *Os assaltos do "moinho satânico" nos campo e os "contramovimentos" da agricultura familiar. Mercantilização, estilos de agricultura e processos instituídos de desenvolvimento rural no Sudoeste do Paraná*. Dissertação de mestrado. (programa de pós Graduação em Desenvolvimento Rural). 2011.

GOODMAN, D., SORJ, B., WILKINSON, J. *Da lavoura as biotecnologias*. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

GRAZIANO DA SILVA, J. *O novo rural brasileiro*. Campinas, UNICAMP, Instituto de Economia, 1999. (Coleção Pesquisas, 1).

KAGEYAMA, A. *Desenvolvimento rural. Conceitos e aplicação ao Caso Brasileiro*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

LIMA, . P. de; BASSO, N.; NEUMANN, Pedro. S.; SANTOS, A C. dos; MÜLLER, A G. *Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995

LONG, N. *Commoditization: Thesis and Antithesis*. In: LONG ,N. VAN DER PLOEG, J. D., CURTIN, C. et al. The commoditization debate: labour process, strategy and social network. Netherlands, Agricultural University of Wagening, 1986

MARSDEN, T. Beyond agriculture? Regulating the new spaces. *Journal of Rural Studies*, London, v. 3, n. 11, p. 285–296, 1995.

PERONDI, M. A. *Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS. 2007 (Tese de Doutorado em Desenvolvimento Rural).

PERONDI, M.A. *Estratégias de diversificação dos meios de vida dos agricultores familiares do município de Itapejara do Oeste (PR) 2005–2010*. Edital Universal CNPq 482758/2011–2. Pesquisa de campo, 2011.

PERONDI, M. A.; RIBEIRO, A. E. M. As estratégias de reprodução de sítiantes no Oeste de Minas Gerais e de colonos no Sudoeste do Paraná. *Organizações rurais e agroindustriais*. v.2, nº 2, jul/dez – 2000

SCHNEIDER, S. *Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1999.

SCHNEIDER, S. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. *Revista de Economia Política*, vol. 30, nº 3 (119), pp. 511–531, julho–setembro/2010

SCHNEIDER, S.; ANJOS, F. S. dos. *Agricultura Familiar, desenvolvimento local e pluriatividade no Rio Grande do Sul: a emergência de uma nova ruralidade*. Porto Alegre: UFRGS/PGDR; Pelotas: UFPel/PPGA, 2003.

VILLWOCK, A. P. S.; KIYOTA, N.; SIMONETTI, D. A Renda Não Agrícola na Inclusão Social e Econômica das Famílias do Município de Itapejara d'Oeste – PR. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 51. 2013, Belém, PA. *Anais...* Belém: UCDB, 2013.1 CD-ROM.

WANDERLEY, M. N. B. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Submetido em 18/05/2016

Aprovado em 20/08/2016

Sobre os Autores

Ana Paula Schervinski Villwock

Mestre em Desenvolvimento Regional pela UTFPR–Campus Pato Branco e Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Extensão Rural pela UFSM. Rua Professor Braga, 125, Centro, CEP: 97015–530, Santa Maria – RS.

E-mail: ana.agronomia@gmail.com

Miguel Ângelo Perondi

Doutor em Desenvolvimento Rural pela UFRGS e professor no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional pela UTFPR–Campus Pato Branco. Rodovia do Conhecimento – Km 1, Bairro Fraron, CEP: 85503–390, Pato Branco.

E-mail: perondi@utfpr.edu.br